



JOSÉ DE ALENCAR NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO: UM DIVISOR DE ÁGUAS

WESCLEI RIBEIRO⁶²

Resumo

O presente estudo pretende desenvolver reflexão acerca da importância da obra de José de Alencar no processo de formação da Literatura Brasileira, sob a perspectiva de Antonio Candido. Com sua obra, José de Alencar contribuiu substancialmente para dar consistência aos denominadores comuns do período romântico no Brasil, por investir na criação de temáticas que consolidassem as bases da expressão literária nacional, ainda que, entre os escritores da nossa literatura, até então, a maneira de tratar as ideologias, provenientes da Europa, estivesse deslocada. Com efeito, ao delinear um levantamento cultural do Brasil, a estética alencariana possibilitou a formação de uma tradição que viria a ser consolidada posteriormente, ela representa, pois, importante lastro para a construção de nossa identidade nacional.

Palavras-chave

José de Alencar; sistema literário; identidade nacional.

Abstract

This study aims to develop thinking on the importance of José de Alencar's work in the process of construction of Brazilian literature, from Antonio Candido's perspective. With his work, José de Alencar contributed substantially to give consistence to the common denominators of the Romantic period in Brazil, by investing in creating themes that consolidated the foundations of national literary expression, even though, amongst writers of our literature, so far, the way of dealing with ideologies, come from Europe, was displaced. Indeed, Alencar's aesthetic allowed the development of a tradition that would be consolidated later by presenting a survey on Brazil's culture, therefore, it represents an important ballast for the construction of our national identity.

Key-words

José de Alencar; literary system; national identity.

62 Mestre em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – UFC.

1. Breves considerações sobre a estética romântica

O movimento romântico, além de marcar significativa transformação estética e poética, representa um complexo processo histórico, no qual estão inclusas a Revolução Industrial, ao longo do século XVIII, e a Revolução Francesa, em 1789. Estes fatores históricos propiciaram a ascensão da burguesia e a consolidação política do liberalismo econômico. No que tange à estética, este movimento rompeu com a tradição neoclássica setecentista e com a concepção racionalista dos iluministas. A posição entre razão e subjetividade, clássico *versus* romântico, configurou-se como a mais acirrada querela desse processo, pois, enquanto a perspectiva clássica primava pela racional apreensão do real através da arte, o romântico procura idealizar a realidade, valorizando o individualismo e a natureza.

A origem do Romantismo está enraizada na Inglaterra e na Alemanha. Na Inglaterra, as idéias do filósofo John Locke sedimentam a concepção romântica e contrapõem a até então hegemônica concepção cartesiana. Segundo Locke, os sentidos são a única fonte do conhecimento, logo o raciocínio é posterior à verificação. Da Inglaterra, temos o poeta Lord Byron e o romântico que antecede o próprio Romantismo, William Shakespeare. Já a essencial contribuição da Alemanha fora o movimento *Sturm und Drang*, violência e ímpeto. O grande representante do Romantismo alemão é Goethe, principalmente com o impetuoso, solitário e apaixonado jovem Werther, obra de grande repercussão para a época.

A ruptura, no entanto, efetuou-se, de fato, na França, berço do Iluminismo, com os princípios de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, da Revolução Francesa, e com as idéias do filósofo Jean Jacques Rousseau. Para este, a apreensão do real unicamente pela razão é falaciosa, já que o homem interage com a sociedade através dos sentidos e, por conseguinte, consolida seus conhecimentos. Em suma, o padrão de vida burguês, com a Revolução, estende-se não só ao âmbito social, filosófico, mas, sobretudo, ao artístico.

2. “As idéias fora do lugar” e a formação do sistema literário: o pioneirismo de Alencar.

A historiografia não se delineia de maneira reta entre as culturas, a ponto de

ideologias encontrarem total conexão verossímil em sociedades de culturas diferentes. Ao analisarmos a produção literária romântica europeia e a brasileira, por exemplo, nitidamente podemos perceber influências, deslocamentos culturais, não condizentes com o momento histórico do Brasil. Desta forma, o escritor José de Alencar encontrou um grande desafio ao escrever sua obra, uma vez que, enquanto a sociedade brasileira ainda estava em processo de transição, com fortes marcas do colonialismo cultural e intelectual e de um sistema de produção escravista, a Europa consolidava-se no liberalismo burguês oriundo da Revolução Francesa, bem como já apresentava uma tradição literária consolidada.

Para o crítico Roberto Schwarz (1992, p.13), a maneira de tratar as ideologias, entre nós, está deslocada, “as idéias estão fora do lugar”, porém, involuntariamente, um efeito prático de nossa formação social. Para Schwarz, caberia ao escritor, em busca de sintonia, reiterar esse deslocamento em nível formal. Esta tentativa fora proferida por José de Alencar, visto que, em sua vasta produção literária, pela consciência artesanal e pelo senso do nacional, procurou dar a sua obra um sentido de levantamento do Brasil. Sua produção literária configura-se, assim, como uma espécie de divisor de águas para a nossa história literária, no que concerne às estéticas que precederam o nosso Romantismo, cujos modelos europeus, via de regra, foram rigorosamente importados. Desde o início, houve um deslocamento de idéias, próprio das “nações periféricas”, que não vivenciaram em sua história o Classicismo, a Idade Média e o Renascimento. Tais fatores dificultavam a formação de um cânon nacional, ou mesmo a sistematização de nossa literatura.

Conforme analisa Antonio Candido (2000, p.74), a literatura é um tipo de comunicação inter-humana, vista enquanto sistema simbólico. É mister desse sistema a formação da continuidade literária, fundamental no processo de transmissão cultural entre os homens, a qual, dinamicamente, estabelece padrões que se vinculam ao pensamento ou ao comportamento, os quais nos servem de referência, para aceitarmos, rejeitarmos ou mesmo deformarmos a leitura dos grandes mestres:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a, a obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação humana, para configurar a realidade da literatura no tempo.

A efetivação de uma comunicação inter-humana depende tanto da mediação entre autor e público, através da obra literária, bem como da mediação entre autor e obra, através do público, visto que a escritura possibilita a manifestação do Outro, seja como revelação de si mesma, seja como incentivo para reconfigurar a realidade. A manifestação do público é também condição do autor conhecer a si próprio, já que esta revelação da obra é sua revelação. Daí decorre a afirmação de Antonio Candido de que escritor e obra formam um par solidário, funcionalmente vinculado ao público.

No Brasil, no entanto, diversos fatores dificultaram a tradição escrita nas relações entre autor, obra e público. Formou-se, aqui, por quase dois séculos, a predominância dos auditórios de igreja, academias e comemorações. Haja vista que o público carecia de formação letrada, muitos eram analfabetos, praticamente não existia a definição do papel social do escritor. A formação efetiva de um público consolidou-se, segundo Antonio Candido, com os árcades, embora ainda muito presos aos padrões clássicos europeus. Desde então, o público leitor foi restrito, composto por uma elite. Assim, a tradição de um público de auditório, por um lado, exaltou a retórica, todavia, por outro, prejudicou, em nós, a formação de um estilo escrito para ser lido, além de privilegiar setores restritos para os quais tendeu a liderança do gosto.

Retórica e nativismo são dois fatores decisivos para a configuração da sistematização literária no Brasil. Destaca-se, com isso, o projeto literário romântico, pois, com os românticos, influenciados pelas idéias da Revolução Francesa, bem como à atividade intelectual ilustrada, buscou-se a manifestação da brasilidade, procurou-se a criação de temáticas e mitos que consolidassem as bases da expressão literária nacional. A obra de José de Alencar, por exemplo, destacou desde a representação dos aspectos da natureza brasileira até a construção de um mito que nos representasse: o “bom selvagem”. Com sua obra, José de Alencar contribuiu substancialmente para dar consistência aos denominadores comuns do período romântico.

O contexto histórico da Independência do Brasil possibilitou ao escritor adquirir consciência de si mesmo, como homem da pátria, difusor das luzes e do nacionalismo. Por conseguinte, os escritores procuravam definir uma literatura mais ajustada às aspirações da jovem pátria, tanto aspirações de autonomia política assim como de autonomia literária, embora o grande público ainda esperasse pela palavra dos

intelectuais, haja vista o grande destaque dado ao orador Rui Barbosa. O vínculo entre escritor e Governo possibilitou também a dependência daquele às ideologias dominantes. Foram ferrenhas as querelas entre o imperador e o escritor José de Alencar, que não se submeteu à política de favor, de submissão à ideologia dominante.

O mérito da estética alencarina ao delinear um levantamento cultural do Brasil foi, principalmente, o seu pioneirismo quanto à construção de uma identidade nacional, o qual podemos considerar um marco importante em nossa literatura, pois possibilitou a formação de uma tradição que viria a ser consolidada posteriormente, dando continuidade ao sistema literário brasileiro. Como observa Afrânio Coutinho (1997, p.266), a produção literária de José de Alencar configura-se como lastro temático-cultural para as posteriores produções que viriam a contribuir no processo de sedimentação de nossa identidade cultural.

Desta forma, as vertentes nacional, histórica e regional e a vertente urbana alencarina configuram, segundo Afrânio Coutinho, as duas linhas da ficção brasileira: a regionalista e a psicológica e de costumes. Não obstante, as conseqüências de uma genuína tradição literária repercutem nas obras de José de Alencar, pois estas influências são sentidas, manifestam-se como pontos críticos, desacordos objetivos, como as incongruências de ideologias, resultantes do transplante do romance e da cultura européia, como afirma Roberto Schwarz. Machado de Assis, posteriormente, daria novo enfoque a essa problemática.

A importação do romance europeu, sem dúvida, incide na desenvoltura dos grandes temas em Alencar. No entanto, o aspecto cumulativo e coletivo de toda a produção literária romântica, boas ou ruins, no Brasil, é importante para a estética realista. Segundo a análise de Schwarz (1992, p.30), o temário periférico e localista de Alencar virá para o centro do romance machadiano. Assim, enquanto José de Alencar percorre um viés francês, de séria grandiloqüência, numa estética que revela fortemente o mundo externo, Machado de Assis percorre um viés inglês, com acentuada ironia, a qual dá tonalidade grotesca ao que, em Alencar, era apresentado como grandiloqüente. A caricatura das personagens, a análise psicológica e a cosmovisão desprovida de idealizações da estética realista machadiana contribuem significativamente para o desenlace da problemática do deslocamento das idéias, bem como impulsiona, vitaliza o fluxo do nosso sistema literário.

3. Traços importantes da estética alencarina para o fluxo de nosso sistema literário

O talento literário do escritor cearense credencia-o como referência de nossa literatura. Destaca-se, em sua produção, o requinte e rigor artístico com que ele tece suas personagens imbuídas numa dialética do bem e do mal. Segundo o crítico Antonio Candido (1981, p.221), existem três Alencares na arquitetura de sua obra: o Alencar dos rapazes, heróico, altissonante, predominante nas narrativas regionalistas; o Alencar das mocinhas, gracioso, às vezes pelintra; outras, quase trágico, comum nas narrativas urbanas; e um terceiro, menos patente que esses dois, que se poderia chamar de adulto, pouco heróico e pouco elegante, mas dotado de senso artístico e humano. Este difuso Alencar se contém nitidamente em *Senhora e Luciola*.

A galeria dos tipos alencarinos é vária e ampla, Antonio Candido divide-os em três categorias: os inteiriços (D. Antônio de Mariz, Peri, Loredano) sempre os mesmos, no bem e no mal; os rotativos (João Fera, Diva) que passam do bem para o mal; e os simultâneos (Lúcia e Paulo, de *Luciola*; Amélia e Fernando Seixas, de *Senhora*) que são os mais complexos, o bem e o mal, nestes, perdem a conotação simples que aparece nos demais.

Ainda sobre os tipos da vasta galeria alencarina, Maria Valéria Pena (1988) considera duas categorias, representadas nos seus romances urbanos: o “feminino moço” e o “feminino adulto”. O “feminino moço” é representado pela mulher idealizada, de forte personalidade, como Aurélia Camargo, em *Senhora* e Lúcia, em *Luciola*. A teia de sedução, o instante de aproximação entre homem e mulher, é o enfoque principal das tramas protagonizadas por elas e, com exceção de *Luciola*, cuja protagonista morre no final, a relação se estabiliza e se institucionaliza com o casamento. Logo, uma vez estabilizada a relação, esta deixa de ser atraente para o escritor; as mulheres casadas, nesta concepção, são uma espécie de epílogo do “feminino moço”, pois atingem a plenitude, pela experiência de terem colocado na rotina a paixão do casamento com o objeto desejado. Libertas da ansiedade dedicam-se aos chás, à música, à literatura, ocupam na narrativa lugar secundário, configurando, assim, o “feminino moço”.

Além da dialética do mal e do bem, a dinâmica da narrativa alencariana acentua-se também com a relação entre presente e passado, que proporciona uma

análise psicológica das personagens mais apuradas, e com o desnivelamento das posições sociais dos protagonistas, os casais românticos, o que confere maior dramaticidade à diegese. Subjacente a esses fatores da intriga encontra-se o amor romântico, o cerne das narrativas românticas, que se manifesta de forma idealizada, transcendental, capaz de romper desarmonias e desnivelamentos sociais.

Nos romances urbanos de José de Alencar, nitidamente podemos perceber a representação fragmentada da família. Em *Senhora* e em *Lucíola*, as relações familiares fazem parte de um passado remoto, que, quando lembrado, lembra experiências sofríveis, mas importantes, no entanto, para o amadurecimento das personagens. Dessa fragmentação familiar, um fator imprescindível para análise da forte personalidade das mulheres alencarianas é a supressão da figura paterna, daí a forte autonomia da mulher quanto às questões amorosas. É do ponto de vista de Aurélia Camargo, em *Senhora* e de Lúcia, em *Lucíola*, principalmente, que a situação se define, se resolve e se consolida.

Para uma sociedade ainda patriarcal, essa abordagem do feminino foi inovadora, principalmente quanto à questão da prostituição, tema já censurado na peça teatral *Asas de um anjo*. Pioneira e inovadoramente, os perfis femininos alencarianos representam a redefinição da mulher na sociedade, ainda que utopicamente e sob forte influência das convenções românticas. Essa redefinição do sujeito feminino em ator social se consolida, de fato, pelo desempenho de papéis sociais atuantes e interativos. No entanto, é perceptível que, em Alencar, o escritor conta histórias de amor singularmente desprovidas de elementos tormentosos ou mortais e cujos personagens não são envolvidos por forças externas à relação – políticas, econômicas ou familiares. Essa complexidade psicológica em diversos âmbitos sociais seria aperfeiçoada com exímio e apurado estilo na prosa realista de Machado de Assis, leitor de Alencar. Podemos observar, com isso, a gradual consolidação de nosso sistema literário.

Este processo de consolidação e autonomia do sistema literário brasileiro configura-se quando o escritor assume, conscientemente, o seu processo criador, como fizera José de Alencar, de forma que reconfigure a realidade, dialogue com a tradição, ou mesmo altere-a, contribuindo para o sistema literário com as peculiaridades do seu estilo. Ao público leitor, cabe a tarefa de decifrar, aceitar ou mesmo refutar a obra literária; há casos, porém, de obras refutadas em seu tempo que só vieram a ser aceitas e notabilizadas tempos depois. As obras de José de Alencar e Machado de Assis

estabelecem uma importante continuidade: o primeiro rompera os padrões vigentes, visando à formação de uma identidade nacional, o segundo, ao romper com o estilo romântico, não o anulou, pelo contrário, ambos ofereceram maior dinamicidade ao nosso sistema literário e ampliaram as possibilidades de pensar a realidade com a inovação formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1967.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil* vol. 5. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1992.